

MINHA CHÃ:
UMA ATRIZ NAS VEREDAS DO CAVALO MARINHO

Juliana Pardo¹

(Cia. Mundu Rodá de Teatro Físico e Dança)

“As festas populares, como o Bumba-meu-boi, ou o Cavalo Marinho, festas existentes em diferentes partes do Brasil, falam de brincadeira, festa, vida e morte – e vida de novo. Há variações, sempre girando em torno da intensidade da existência, da sinceridade das paixões, da força nas lutas, e na esperança de todos os momentos, esperança de restauração, de renascimento, de vida depois do sofrimento. Esta é a sabedoria popular e dela temos muito a aprender.

A vida apresentada nestas festividades e mesmo na literatura popular tem uma marca: magia, mistério. Faz parte deste mistério o resgate dos discriminados (o papel tradicional da mulher é doméstico, mas as festas e as narrativas resgatam o seu papel, na luta, semelhante ao do homem). O igualitarismo é frustrado pela morte e resgatado pelo amor. São impasses suspensos pela poesia, pela paixão de cada instante, pelo amor à beleza, motor poderoso de afirmação da vida.”

Suzi Frankl Sperber, texto sobre o espetáculo “Donzela Guerreira” da Cia. Mundu Rodá.

Resumo:

O presente artigo relata parte de minhas experiências de pesquisa de campo acerca do Cavalo Marinho na região da zona da mata norte de Pernambuco. Enfatiza a presença de uma atriz/mulher numa cultura essencialmente masculina e as implicações disso, e como esse processo inspirou a montagem do espetáculo “Donzela Guerreira”.

Palavras-chave: cavalo marinho; zona da mata norte de Pernambuco; danças tradicionais brasileiras; arte e gênero.

¹ Atriz, dançarina, pesquisadora das artes cênicas e arte educadora. Fundou a Cia. Mundu Rodá de Teatro Físico e Dança em São Paulo (1999), para o estudo das danças tradicionais brasileiras aplicadas as artes cênicas contemporâneas. Foi contemplada pelo Prêmio Bolsa Vitae de Artes 2003, na categoria de pesquisa histórica teatral com o projeto “O Cavalo Marinho da Mata Norte de Pernambuco”.

Desde que conheci a brincadeira do Cavalo Marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco, encantei-me. Como atriz e bailarina, busco romper as fronteiras entre a dança e o teatro, e nesta brincadeira encontrei a linha indivisível: dança, teatro e música fundem-se e confundem-se na corporeidade e nas ações. Tomo como exemplo um brincador, na função de figureiro (ator): para a construção de uma figura (personagem), ele agrega em sua composição corporal a dança, o canto e a poesia, de forma orgânica e harmoniosa e, por fim, organiza este corpo dentro de um espaço cênico, que é a rua ou o terreiro.

Acreditando que, para melhor imprimir em meu corpo o universo contido no Cavalo Marinho, precisaria primeiro vivenciar a brincadeira no seu local de origem, com os mestres e brincadores. No ano de 2000 mudei da maior metrópole brasileira, São Paulo, para uma região rural do estado de Pernambuco, a Zona da Mata Norte, terra dos tradicionais grupos de Cavalo Marinho, acompanhada por Alício Amaral, meu companheiro de trabalho e de vida. Um dos motivos que viabilizou esta viagem de quatro anos foi o projeto idealizado por nós, “Resgate e fortalecimento do Cavalo Marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco”². Por meio dele, levamos mestres e brincadores de cavalo marinho em escolas municipais, onde transmitiriam alguns de seus conhecimentos sobre a brincadeira para crianças e jovens da comunidade, uma vez que tal brincadeira mantém-se viva nas gerações por meio da oralidade.

Moramos, nesse período, num vilarejo chamado Chã de Esconso (que significa terra extensa e irregular), um lugar rodeado por jaqueiras e bananeiras, muito agradável para uma região onde o clima é quente o ano todo.

O Cavalo Marinho é uma dança dramática brasileira basicamente brincada por homens. Na sua grande maioria, trabalhadores do cultivo da cana-de-açúcar. Mulheres, tradicionalmente, não brincam Cavalo Marinho. Às mulheres é reservado um papel tradicional, o doméstico. Inclusive, porque, os poucos trabalhos disponíveis são marcadamente masculinos, que exigem a utilização da força física para a sua realização. Ser mulher é procriar, cuidar dos afazeres de casa, dos filhos e marido. No início, lembrome de fazer perguntas sobre o Cavalo Marinho para alguns brincadores, e eles não me

² Projeto contemplado pela Bolsa Vitae de Artes 2003 na categoria pesquisa histórica teatral.

respondiam. As respostas eram direcionadas ao Alício, meu marido. Histórias de Cavalo Marinho era assunto de homem.

Como mulher, para poder embrenhar-me no universo da brincadeira, tive que buscar qualidades de energia equivalentes às dos brincadores. Precisava vibrar na mesma sintonia do brinquedo, onde as qualidades de energia, as ações e os movimentos são de intenso vigor e precisão. Ser mulher numa prática de homens, onde a dança é marcada por pisadas fortes e ligeiras percutidas no chão, foi uma tarefa árdua, porém prazerosa.

A primeira vez que brinquei em um Cavalo Marinho foi na Galantaria³, sempre com a preocupação e atenção de não estar tomando o lugar de outra pessoa - só participava quando faltava alguém.

Neste mesmo período, já havia algumas meninas entre 08 e 11 anos que brincavam na Galantaria, representando a figura da pastorinha ou daminha. Brincavam no Cavalo Marinho de mestre Grimário, de Chã de Camará, e no Cavalo Marinho de mestre Salustiano – Cidade Tabajara –, em Olinda. No Cavalo Marinho de Biu Roque, de Chã de Esconso, suas duas filhas, Maíca e Lurdes, já adultas, tocavam e cantavam na brincadeira.

Colocar figuras foi uma empreitada um pouco mais difícil. Só aventurei-me a colocar a primeira depois de dançar um bom tempo de galante

Certa vez, numa noite de brincadeira, um mestre me convidou para colocar uma figura. Tratava-se de um padre que chega para benzer um defunto (Mané Joaquim) e é seduzido pela viúva do morto, uma velha ferosa (Véia do Bambu). Fiz tudo o que me foi dito: a chegada da figura (momento em que a figura entra na roda, anunciada por sua toada), dancei, improvisei, mas nada – ninguém “contracenava” comigo e não existia jogo entre as figuras. Depois disso, perguntei ao mestre porque ninguém brincou comigo durante a cena, e ele respondeu que era em consideração e respeito ao meu esposo. Entendi. Havia, de fato, um desejo do mestre de me ver colocar uma figura. Mas quando todos se deparam com uma

³ Corpo de baile que representa a família ou uma escolta de soldados do Capitão Marinho, e que realiza uma série de danças e evoluções coreográficas.

mulher *em cena*, o que prevalece é o costume local. Porque, embora a brincadeira carregue uma forte crítica social, está impregnada de valores normativos compartilhados pela comunidade. Além do que, o Cavalo Marinho é uma brincadeira cheia de puias (piadas de duplo sentido), repleta de malícias e conotações sexuais, configurando-se, conforme dito anteriormente, como território exclusivamente masculino. Assim mesmo continuei enveredando-me.

Em outra ocasião – uma das mais maravilhosas que vivi –, foi com o figureiro Luis da Silva, conhecido como Luis Rodinha: dezembro de 2001, sábado à noite, sambada do Cavalo Marinho de Biu Roque, cidade de Itaquitinga – PE (Chã de Fogo). Primeira vez que eu colocaria uma figura. Luis sugeriu que eu botasse o Bode, figura que entra acompanhada por outra figura, ou seja, entram dois bodes dançando ao mesmo tempo. Ele entraria comigo e assim seríamos uma dupla. Ótimo. Não entraria sozinha na roda – do samba. Dias antes memorizei umas loas⁴ e ensaiei com Luis algumas ações de chegada da figura. Tentei disfarçar ao máximo os elementos femininos do meu corpo: amarrei bem firme uma meia calça de seda em meus seios, para que ficassem escondidos; também preendi o cabelo com uma meia de seda de cor preta, e o traje mais comumente usado na brincadeira – calça social, camisa de manga comprida, paletó e tênis. Fomos para a tolda⁵. Luís pediu para que eu escolhesse uma máscara, dentre as várias que se encontravam ali. Minha primeira pergunta foi: “qual máscara serve para o Bode”? Ele respondeu: “Qual você acha”? Eu disse: “Ah, acho que esta”. Resposta: “Então pega esta mesmo”. Perguntei: “Luis, fica perto de mim?” Resposta: “Tá”. Era chegada a hora. Entramos. Luis colocou a máscara e entrou na roda em grande velocidade, quase não consegui acompanhá-lo. Não era mais o Luís, era o Bode; e eu o, outro Bode, tentando ao máximo ser agressivo e ligeiro. O Bode, também chamado de Capitão do Campo entra na roda para atazanar os negos Mateus e Bastião⁶. Lembro-me de perder Luis de vista. Mal enxergava com a máscara, grande para o meu rosto. O Mateus – Seu Sebastião, conhecido como Martelo, brincador experiente – não teve dó, encheu-me de bexigadas⁷ para fazer a graça. Tudo era muito rápido e caótico, com

⁴ Versos ditos pelos brincadores nas manifestações tradicionais.

⁵ Local usado pelos brincadores para guardar a indumentária do brinquedo e para a caracterização da figura durante a apresentação da brincadeira.

⁶ Mateus e Bastião são também figuras da brincadeira.

⁷ Bexiga de boi inflada com ar, utilizada como instrumento de pancadaria.

gritos, correrias e pancadarias. Quando chegou a hora de falar a loa, alguns homens que assistiam a brincadeira começaram a rir, e comentavam – “é cabrita!” Quanto mais riam, mais eu buscava vigor em minhas ações. Era piada, mas não gostei. Sustentei até o fim. Voltando para a tolda, olhei para Luis e esperei algum comentário. Ele disse: “Tá bonzinho. Tá bonzinho”.



Figura 1: Juliana Pardo e Luis Rodinha na Figura do Bode
Foto: Michele Zollini

Agradeço ao grande figureiro Luis – que hoje não está mais entre nós – pelos ensinamentos de mestre, por ter me lançado na roda do Cavalo Marinho – sem dó, nem piedade – pois é assim que se aprende o brinquedo: “fazer fazendo”.

Já em Camutanga – uma das cidades a qual realizamos o projeto da Bolsa Vitae – onde se encontra o Cavalo Marinho de mestre Inácio Lucindo, foi um pouco diferente. No primeiro dia de aula do projeto, só havia mulheres. Meninas que estavam ali não pelo Cavalo Marinho, mas pelo evento que agitava a pequena cidade. Alício organizou o banco de músicos, e quando tudo estava pronto para começar, apresentei mestre Inácio, que iria

comandar o ensinamento dos trupés (os passos da dança). Perguntei quem gostaria de participar; ninguém se manifestou. Novamente perguntei e uma das meninas que estava ali me disse que Cavalo Marinho era uma brincadeira para homens e que mulher não brinca. Foi então que mestre Inácio, na sabedoria de um mestre disse: “[...] mas, minha filha, Cavalo Marinho é prá quem gosta de brincar. Não tem esta estória de homem ou mulher. Quem gosta da cultura, brinca. Quem não gosta não brinca”. E pediu para que eu comandasse as meninas na dança para que elas vissem que eu, mulher, brincava e gostava. O resultado foi que, no ano de 2003, muitas delas fizeram parte oficialmente do Cavalo Marinho de Mestre Inácio.

Vivenciei muitas experiências como estas que citei, tanto dentro da brincadeira como no entorno dela. Cresci em uma metrópole, lugar onde as mulheres já venceram muitas batalhas e conquistaram espaço, fazendo valer seus direitos de igualdade ao homem, tanto no contexto social e econômico quanto no político, e mesmo assim ainda continuam esbarrando em antigos valores morais.

Acredito que o fato de ter realizado as ações nas comunidades pela Bolsa Vitae de Artes, tenha facilitado a minha aproximação com a brincadeira, e de alguma forma atraído a atenção das mulheres que participavam das oficinas e que assistiam a noite de festa. Coragem, amor pela brincadeira, enxerimento, não importava. De alguma maneira levantava questões. Como para Maria de Fátima Rodriguez, mais conhecida como Nice Teles, moradora da cidade de Condado. Em depoimento, ela nos revelou que sempre teve vontade de brincar Cavalo Marinho, até havia tentado algumas vezes – sempre discriminada por ser mulher. Só criou coragem de levar adiante este desejo depois de assistir à minha participação em algumas brincadeiras. Nice, neste período, arregaçou as mangas e revelou-se uma ótima toadeira e pandeirista, passando a participar do recém formado Cavalo Marinho Estrela Brilhante, de seu pai Mestre Antonio Teles da cidade de Condado – PE. Neste mesmo período, ingressou na prefeitura de Condado dando aulas de cavalo marinho para crianças. Hoje, muitas destas crianças cresceram, e juntas a Nice formaram o primeiro cavalo marinho infanto-juvenil da Mata Norte de Pernambuco. Em 14 de maio de 2011 inaugurou com seu pai o espaço “Tradições”, que além de sede do grupo

Estrela Brilhante desenvolve outras atividades culturais, como aulas de Cavalo Marinho para a terceira idade, também ministradas por Nice.

Escolhi adentrar-me no contexto social o qual a dança tradicional do Cavalo Marinho está inserida, onde a mulher é reduzida ao mundo doméstico e tem um papel de subordinação ao homem. Qual era o meu lugar entre os brincadores e entre as mulheres daquela região? Caminhei por terreno minado. Procurei adaptar-me, por vezes expor minha opinião, em outras, apenas calei-me. Aos poucos fui criando um espaço singular dentro deste contexto, sempre com muito respeito aos brincadores e à brincadeira.

De alguns anos para cá, cresce o número de mulheres que participam do Cavalo Marinho, em sua maioria filhas e parentes dos brincadores.

O que vivi e me envolvi, gravei em meu corpo, signifiquei e re-signifiquei; e tal experiência é hoje retratada na montagem “Donzela Guerreira”, da Cia Mundu Rodá, da qual faço parte. Fruto também do intercâmbio de pesquisa entre Mundu Rodá e LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp), percorrendo a fronteira entre a dança e o teatro, a música e as tradições populares, “Donzela Guerreira” é a busca de uma tradução poética do universo feminino da Zona da Mata Norte de Pernambuco. A história trata da travessia de uma jovem que se disfarça de homem para seguir em combate no lugar de seu velho pai, representando o único filho varão da família. Como soldado, ela se apaixona por seu Capitão e este por ela. Sem revelar sua verdadeira identidade, Donzela e Capitão travam suas próprias batalhas, colocando à prova seus princípios, sentimentos e desejos.

Esse espetáculo é dedicado a todas as mulheres guerreiras, a todas as mulheres da Zona da Mata Norte de Pernambuco, que enfrentam batalhas silenciosas em seu cotidiano.



Figura 2: Dança de São Gonçalo
Foto: Roberta Guimarães

BREVE RELATO – CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO DONZELA GUERREIRA

DANÇA DAS FIGURAS

Importante ressaltar que a Cia. Mundu Rodá vem construindo uma pesquisa e linguagem cênica própria que dá destaque às danças dramáticas brasileiras, buscando a identificação e utilização dos princípios físicos e energéticos, as corporeidades e as sonoridades que regem estas manifestações, para o desenvolvimento de treinamentos e para a criação do artista – intérprete.

O primeiro passo foi conduzir à sala de ensaios toda a bagagem vivenciada e impressa em nossos corpos durante estes anos. O cheiro, as imagens, as cores, os sons, o ritmo, as noites viradas na brincadeira, as conversas, alegrias e tristezas da condição humana da Mata Norte. O gosto doce e o cheiro azedo da cana.

Após um longo processo de treinamento e levantamento de material, apoiados nas técnicas de dança Klauss Vianna e de representação do LUME teatro, como a mimese corpórea na dramaturgia corporal e literária do Cavalo Marinho e do Maracatu Rural da Zona da Mata Norte (PE), e na linguagem do Butoh, eu e meu companheiro elegemos e organizamos elementos (individualmente e em dupla) que mais tarde serviriam como pontos de partida. Eles foram organizados em um extenso catálogo corporal e musical, contendo: corporeidades e ações físicas e vocais das figuras, estruturas rítmicas construídas a partir dos trupés, canções, músicas instrumentais e ‘causos’. Cada um organizou o seu catálogo, passeando por estes elementos. Em seguida, colocamos este material em diálogo, criando conexões entre nós e concebendo um primeiro estudo cênico nomeado *Dança das Figuras*.

A *Dança das Figuras* é o registro corporal, vocal e musical de parte das experiências individuais e coletivas feitas no âmbito de pesquisa de campo da brincadeira e do seu entorno na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Esse catálogo foi apresentado ao ator-pesquisador Jesser de Souza do grupo LUME (UNICAMP), amigo e parceiro de trabalho. Jesser acompanhou o trabalho da Cia. desde que esta residia em Pernambuco. Essa primeiro estudo foi apresentado pela primeira vez em 2003 no Centro Cultural Semente em Campinas (SP).

De volta a São Paulo, nossos encontros com Jesser em sala de trabalho se tornaram mais frequentes, intensificando os treinos, e foram surgindo novas proposições acerca da pesquisa. Começamos a ter o anseio de montar uma obra. Uma obra que expressasse estas experiências e a esta se misturasse em forma de poesia, pois assim foi nosso encontro com o Cavalo Marinho e com a Zona da Mata. Jesser assinaria a direção deste projeto de montagem.

Outras questões entraram em pauta – o desejo de um enredo – e por sua vez, brotou aos olhos a fábula universal da Donzela Guerreira, aquela que, ao ver o pai sendo convocado à guerra nos anos de velhice, traveste-se de homem para representá-lo. No campo de batalha, acaba por se apaixonar pelo seu superior. A figura é recorrente em muitas culturas e civilizações, não apenas na literatura (dita) oficial (Mulan, Electra, Diadorim), mas também

na de cordel (Teodora), nos muitos romances de tradição oral (Don Varão, Maria Gomes), na mitologia (Palas Atena, Iansã) na História (Joana D’Arc, Maria Quitéria, Santa Dica), e na música erudita (Il combattimento di Tancredi e Clorinda – Monteverdi).

De todas elas, uma foi a grande inspiração: Diadorim, de “Grande Sertão: Veredas”, obra prima de Guimarães Rosa.

DONZELA GUERREIRA



Figura 3 - Juliana Pardo e Alício Amaral – Espetáculo “Donzela Guerreira”

Foto: Roberta Guimarães

Com parte dos ingredientes em mãos, iniciamos o trabalho de construção da dramaturgia do espetáculo, e para esta missão contamos com a colaboração da Prof^a Suzi Frankl Sperber (UNICAMP), que atuava também como coordenadora pedagógica do LUME Teatro. Suzi contribuiu de forma essencial na pesquisa de criação das cenas. Um dos meios norteadores para a construção das cenas foi a mimese literária aplicada à técnica da mimese corpórea desenvolvida pelo LUME. Segundo o LUME Teatro,

“a mimese corpórea é uma metodologia de coleta de material físico/vocal orgânico através da observação, codificação e teatralização de ações físicas e vocais de pessoas, animais, fotos e quadros encontradas no universo cotidiano e/ou pessoal do ator”. (Ferracini, 2001)

Neste trabalho o material físico/vocal orgânico era coletado a partir de ações e imagens extraídas dos textos da obra “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa; do romance de tradição oral “A Donzela que Vai à Guerra” – recolhido na Bahia por Rossini Tavares de Lima em 1953; e de outros textos sobre Donzelas Guerreiras na história da humanidade. Inter-relacionando este material aos elementos do estudo cênico *Dança das Figuras*, nossa tarefa consistiu em criar diferentes significados e conexões para e com estes elementos.

E assim começaram a ser esboçadas as ações físicas e vocais das figuras do “Capitão” e da “Donzela-Soldado”. Visitamos e passeamos por estes elementos diariamente, sempre com a orientação cuidadosa de Jesser e o olhar atento de Suzi, tentando não perder o que já havíamos conquistado e deixando-os cada vez mais orgânicos ao corpo, dinamizando e criando outras possibilidades, brincando com os impulsos, compondo música com o corpo, dançando com a voz, falando com os pés.

Com um material maior e codificado comecei a colocar esta figura em relação à figura de Alício. Tendo sempre o “Romance Tradicional” e o romance de “Riobaldo e Diadorim” como base dramaturgica, as cenas começaram a surgir com as improvisações realizadas a partir das situações dos textos, permitindo o desenvolvimento do comportamento das nossas figuras, como ela age e reage em diferentes situações. Nascia o embrião do espetáculo Donzela Guerreira.

Outros colaboradores se juntaram ao processo, como Ricardo Matsuda, para criação e direção musical, e o Grupo ANIMA Musica Mundana Humana Et Instrumentalis, na gravação da trilha sonora original do espetáculo, juntamente com Alício Amaral.

Na montagem, as palavras do vocabulário mineirês roseano se misturam com a tradição oral dos versos da brincadeira.

Posso citar como exemplo o texto criado para os “Solilóquios”, cena do espetáculo onde Capitão e Donzela travam suas batalhas interiores:

(Cada um no seu solilóquio)

Soldado: Goela fina de ouro?!

Capitão: Bestei? Bestou? (SE AFASTA)

Soldado: Goela fina de ouro. Fina, de ouro!

Capitão: Vivente poderoso que sô, na terra, no céu e no mar?

Soldado: Eu queria mais não posso, fazer a noite maior...

Capitão: Aquele meu soldado!

Soldado: Quem me dera, quem pudera...

Capitão: O ar.

Soldado: Fazer a noite maior. Botar o sol dentro da lua...

Capitão: Ai...

Soldado: E a lua dentro do sol...

Capitão: Ai.

Soldado: Meu cravo branco na mão... Meu cravo branco na mão... Meu cravo branco...

Capitão: Oi, que fui saber do meu amor... Amor mesmo, bem gostado!

Soldado: Por que é que separação é dever tão forte?

Capitão: Amor pelo soldado!

Soldado: Na chã...

Capitão: Seu soldado é uma estrela.

Soldado: Na chã de estrela...

Capitão: Uma estrela muito iluminada

Soldado: Minha mãe cozinhava...

Capitão: Meu divino...

Soldado: ...exatamente:

Capitão: ...sol.

Soldado: Arroz, feijão roxinho e molho de batatinha. Mas cantava.

Capitão: Meu divino sol... É o seu soldado.

Soldado: Eu queria mas não posso...

Capitão: Tão delicado por sina.

Soldado: Ah, Capitão! Tu é do meu peito a chave.

Capitão: Ouro e prata das minas.

Soldado: Mais fina do que um véu.

(PAUSA)

Soldado: Meu pai! (pequena pausa) Coragem, mulher! Tu não é soldado?!

Capitão: Sustenta tua pisada, Capitão!

Soldado: O cabra que matou meu pai está destinado a morrer. Morto, esquartejado! Na porta do cemitério, sua morte terei vingado.

Capitão: Antes eu não fosse vivente; antes tivesse um consolo, que essa, saudade, não me vinha.

Oxxx...chega a fazer nojo esse pensamento mimoso!

(PAUSA)

Soldado: Adeus, pessoa do agrado: aceite lembrança minha!

Capitão: Me amá, me amá, me amá... ah, minha mãe: que os olhos do seu Soldado são de mulher, que de homem, não! (canta) Ai quem tem seus olhos bem vê, ai quem tem seus olhos bem vê, ai quem num vê é que num qué, rá, rá, rá, rá...

Amor impossível, revelação tardia e saudade incomensurável. Nasce nosso brinquedo, o espetáculo *Donzela Guerreira*, tendo sua estreia oficial em 2007 no evento “Corpo Brasileiro: popular e contemporâneo” promovido pelo SESC Ipiranga – SP.

Através da apresentação de fragmentos (como é comum na transmissão de tradição oral), mais que representar a vida de uma donzela que vai à guerra, o foco do espetáculo está na reflexão sobre o gênero e sobre o amor, em uma abordagem ampla e aberta, convidando o espectador a participar ativamente na construção da narrativa, preenchendo as lacunas e criando sua própria interpretação.

Essa foi nossa grande brincadeira. Como diz mestre Inácio Lucindo: “A vida vivida e envolvida no Cavalo Marinho”.

Referências:

ANDRADE, Mário. *Danças dramáticas do Brasil*. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982. (Edição organizada por Oneyda Alvarenga).

BARBA, E.; SAVARESE, N. *A arte secreta do ator*. Campinas: Editora UNICAMP, 1995.

FERRACINI, Renato. *A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator*. Campinas: Editora UNICAMP, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *A Donzela Guerreira*. São Paulo: SENAC, 1998.

LIMA, Rossini Tavares. *Romanceiro folclórico do Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Irmão Vitale S/A Ind. e Com, 1971.

MELLO JÚNIOR, Alício do Amaral; PARDO, Juliana Teles. *O Cavalo Marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco*. Brasília: Programa Bolsa Vitae de Artes, 2003.

MELLO JÚNIOR, Alício do Amaral; PARDO, Juliana Teles. *Resgate e fortalecimento do Cavalo Marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco*. Brasília: Programa Bolsa Vitae de Artes, 2003. (Vídeo documentário).

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.